

NEGOCIANDO SEMELHANÇAS, PRODUZINDO IDENTIDADES. ORIENTAÇÃO RELIGIOSA E HERANÇA GENÉTICA NA ESCOLHA DE DOADORES DE GAMETAS.

Debora Allebrandt

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo: A reprodução assistida (RA), é um fenômeno que exprime a importância de “ter” filhos na nossa sociedade, longe de um terreno tranquilo, essas técnicas evocam sentimentos híbridos, sobretudo quando falamos da doação de gametas. No Brasil, as doações são anônimas e tem sido centralizadas em um único banco de gametas, deixando um vácuo nas informações acerca de suas motivações. A forma como os doadores são selecionados é o tema central desse artigo. As pessoas que irão se beneficiar de uma doação de gametas recebem uma lista que contém informações como tipo sanguíneo, origem étnica, religião, cor da pele, cor dos olhos, hobby e altura. Tais dados falam de dois conjuntos de informações que remetem ao binômio, tanto discutido na antropologia: natureza e cultura. O objetivo desse artigo é problematizar qual o lugar das informações como orientação religiosa para a escolha de um doador. Essa discussão está situada na relevância de debates acerca de noções de transmissão e hereditariedade para a identidade pessoal e familiar.

Palavras-chave: Orientação religiosa, herança genética, doadores de gametas.

Abstract: Assisted reproduction (AR), is a phenomenon that expresses the importance of "having" children in our society. Far from a peaceful land, these techniques evoke hybrid feelings. Especially when we talk about gamete donation. In Brazil, donations are anonymous and has been centralized in one bank. Little is known about the donors and their motivations. The way they are chosen is the central theme of this article. The recipients receive a list that contains information such as blood type, ethnic origin, religion, skin color, eye color, height and hobbies. Such information speaks of two sets of information that refer to familiar binomial discussed in anthropology: nature and culture. The aim of this article is to discuss how religious information is important to choose a donor. This debate is situated on the relevance of debates about notions of heredity and transmission for personal and family identity.

Keywords: Religion, genetic heritage, gamete donors.

Introdução

Família e reprodução, muitas vezes mediados pela instância religiosa, são noções que protagonizaram inúmeros embates na vida em sociedade. Vivemos cercados por tecnologias contraceptivas e programas de controle de natalidade. Foram desenvolvidas e utilizadas técnicas de esterilização em larga escala. Enquanto alguns países multam casais que tenham mais de um filho, outros bonificam o terceiro. Diante de contextos tão opostos, surgem tecnologias que se aglomeram numa especialidade da medicina chamada reprodução assistida (RA). A RA é uma especialidade que recebia, até pouco tempo atrás, pouco prestígio e credibilidade dentro da medicina. A infertilidade, tema permeado de persistentes tabus¹, dizia respeito a intimidade do casal. Por sua vez, não cabia a medicina ali intervir. E, é possível afirmar que a resposta a infertilidade era encontrada em outras instâncias, como a religião - que explicava a ausência de filhos como a manifestação da vontade de Deus, e nas dificuldades de obter sucesso nessa tarefa, uma provação.

A reprodução assistida tenta transformar a infertilidade, pelo menos discursivamente, em uma realidade ultrapassada. Desenvolvida desde os anos 60, a RA instaurou-se a partir de procedimentos muito simples que estavam embasados em “cronometrar” as relações sexuais para aumentar as chances de obter uma gestação (Tamanini, 2004). Esse desenvolvimento pode ser resumido na pedagógica narrativa de Karina, embriologista que atua em uma clínica privada em Porto Alegre sobre o desenvolvimento do ramo:

“No início a infertilidade era tomada como tendo só a causa feminina. Hoje se sabe que são os dois [tanto o homem como a mulher]. Então com o desenvolvimento da ciência, quando foi se descobrindo as causas reais da infertilidade foi se buscando as soluções. Por exemplo, quando se descobriu que os espermatozóides eram as únicas células móveis e que a sua mobilidade era muito importante para o processo de fecundação se criou a inseminação artificial² que consiste em que? Em dar todinho pros espermatozóides [risos]. É isso mesmo, a gente conduz esses espermatozóides no útero, coloca eles mais perto do óvulo. Nesse caso pode ser um problema de mobilidade ou anatomia. O que a gente faz é só dar um empurrãozinho. Já a FIV [Fertilização in vitro] foi desenvolvida para solucionar casos de uma infertilidade leve a moderada. Mas o que é importante da FIV é que ela ainda trabalha com a seleção natural. Ela consiste no mesmo princípio do todinho para os espermatozóides. A gente capacita eles e coloca em um meio um óvulo e 150.000 espermatozóides. E o que vai fertilizar é realmente o melhor. Acontece in vitro, exatamente o mesmo processo. Como o que aconteceria na mulher. Bom, a gente ainda tem a ICSI [Injeção Intracitoplasmática de Espermatozóide], que é para casos de infertilidade mais severa. Na ICSI o óvulo e o espermatozóide podem ser ruins. Agora o que acontece é que a gente perde a seleção natural. O espermatozóide, a célulazinha é escolhida... por anatomia e mobilidade e a gente injeta dentro do óvulo.” (Karina, embriologista)

Além de um apanhado do desenvolvimento e funções das diferentes técnicas de RA, a fala de Karina nos lembra que a história da infertilidade vem acompanhada por uma forte estigma que recai com maior força sobre a mulher, que historicamente foi responsável pela geração e cuidado de filhos, e por conseguinte, da família. Vale ressaltar que os especialistas da área da saúde, quando referindo-se a causas da infertilidade, preferem falar em responsabilidade igual de homens e de mulheres³. Assim, legitimam a proposição de que quem é tratado é o casal que passa pela “ausência involuntária de filhos”⁴ (Inhorn; Balen, 2002).

A primeira experiência de sucesso do uso de novas tecnologias reprodutivas foi o nascimento do famoso bebê de proveta, Louise Brown, em 1978. Foi sucesso de mídia, símbolo de evolução da ciência e ao mesmo tempo de ousadia ao criar a vida em uma “proveta”. Seu glorioso exemplo fez se precipitarem clínicas ou centros de reprodução humana em todo o mundo, em uma época em que os índices de sucesso (que ainda hoje são inferiores aos índices de fracasso), não significavam nada além que uma questão de sorte, e não de técnica (Oliveira, 1998). Observar a complexidade das técnicas de reprodução assistida hoje no sentido da densidade e rapidez com que passaram de experimentos científicos ao uso comercial só pode ser explicado pela importância que esse “ter” filhos se constitui na nossa sociedade.

Da passagem de dentro do corpo para fora dele, decorrem inúmeras implicações que ultrapassam o avanço técnico e científico que proporcionam. Segundo Ramírez-Gálvez (2003) essa passagem rompe o contínuo que ligava a procriação à gestação, abrindo precedente para procedimentos complementares como a gestação de substituição.

Além dessa técnica, existe a possibilidade de utilização de gametas doados. Desde os anos 60, o congelamento de sêmen já era uma realidade possível. Hoje, prática corrente e modo de preservação da fertilidade masculina, as doações de espermatozoides são gerenciadas mundo a fora a partir de bancos de gametas⁵. Contudo, o uso de material doado não é um terreno tranquilo no campo da RA. Os bancos de gametas masculinos são alvo principal de dúvidas e questões. Esses bancos podem funcionar de modos bastante distintos. Doações podem ser voluntárias ou pagas, os doadores podem ser identificados ou anônimos. As semelhanças e diferenças no modo de operacionalizar as tecnologias reprodutivas e especificamente as circulação de gametas merecem nossa atenção. Contudo, longe de ser uma simples história de desenvolvimento tecnológico, esse campo tem sido saturado, desde o início, de valores sobre natureza, gênero, e progresso (Martin, 1991, 1992). São justamente reflexões dessa natureza sobre uma forma de tecnologia supostamente “neutra” que inspiraram as últimas gerações de cientistas sociais a olhar de mais perto o campo de novas tecnologias reprodutivas.

Entre anonimato e a escolha de doadores

Essas técnicas evocam sentimentos híbridos: entre fantasia científica, medo da artificialidade e maravilhas da medicina, não é possível manter-se indiferente frente a

gama de possibilidades que essas novas tecnologias engendram. A doação de gametas e o anonimato de doadores é um campo que evoca reações muito diversas.

O princípio do anonimato dos doadores de gametas não apresenta a mesma forma em todos os países. Se, num primeiro momento, houve uma tendência global a insistir no anonimato, avançou, lenta mas seguramente, a idéia de que conhecer a identidade dos pais biológicos é um direito de qualquer adulto (Théry, 2010). Tal princípio foi aplicado primeiro na questão de adoção - na Inglaterra, por exemplo, onde em 1975 pessoas adotadas acima de 18 anos passaram a ter acesso aos seus registros de nascimento (Jones, 2005). Em 1985, ano em que o governo sueco aplicou esse princípio ao campo das novas tecnologias reprodutivas, conferindo o direito aos nascidos através de doação de gametas a acessar, quando completassem 18 anos, informações “identificadoras” sobre as pessoas que realizaram a doação (Salem; Novaes, 1995).

A questão do anonimato, no entanto, continua a ser recebida de forma desigual nos diferentes lugares. Como veremos, enquanto a maioria dos países continua a decretar a obrigatoriedade do anonimato. No entanto, entre 2000 e 2005, o governo britânico decidiu rever suas leis reguladoras de RA com claras intenções de dissolver o anonimato de doadores. Assim, vinte anos depois da dissolução desse anonimato na Suécia, e trinta anos depois que a própria Inglaterra rompeu o anonimato dos pais biológicos de filhos adotivos, chegou a vez dos filhos de doadores (Théry, 2009, 2010). É importante ressaltar, no entanto, que o anonimato de doadores não instituiu um fechamento hermético⁶ das informações acerca dos doadores. Isso significa que para a escolha dos doadores algumas informações a seu respeito circulam. Elas falam do tipo sanguíneo, cor dos olhos, altura, profissão e religião. As informações que podem permitir, eventualmente, que esse doador seja identificado⁷, são as mesmas que possibilitam a sua escolha. Existe nessas informações o potencial para identificar e produzir identificações. Acreditamos que a análise dessas identificações, levando em consideração a importância da religião na nossa sociedade, pode nos dar pistas para compreender quais os sentidos que a orientação religiosa pode oferecer quando colocada em uma lista de informações sobre doadores de gametas.

No Brasil, não houve até hoje nenhum debate sobre o lugar do anonimato de doadores e, na ausência de uma legislação específica, a recomendação do Conselho Federal de Medicina (CFM) é aceita consensualmente, como se fosse lei. Cabe lembrar que, segundo essa recomendação, a doação de gametas⁸ não pode ser paga no Brasil. O que levanta uma ambiguidade diante de uma prática que conta com apenas um serviço totalmente gratuito no Brasil (localizado em um hospital na cidade de São Paulo), prevalecendo majoritariamente clínicas privadas. Portanto, resta, na maioria dos casos, apenas uma alternativa para aqueles que buscam ter um filho através dessas técnicas: pagar o alto preço destes tratamentos, o que nos leva a um paradoxo. Segundo Taylor (1998) há uma espécie de tabu na associação de maternidade com dinheiro. São valores que não podem ser associados e, no entanto, por causa dos poucos serviços gratuitos de RA, há geralmente um grande investimento, por parte dos casais nessas técnicas, que não pode ser dissociado da palavra consumo. O cerne do problema com consumo parece estar relacionado com a comodificação – ação de

transformar algo em objeto consumível (trocável). Em geral, não se considera o ser humano (e todos seus componentes) algo que possa ser negociado. Assim, especialmente quando existem tecidos sendo trocados (gametas – óvulo e esperma), há, conforme certos autores um esforço de dessocializar esse material, pela imposição de anonimato (Konrad, 2005; Ramírez-Gálvez, 2003; Salem; Novaes, 1995). Com isso, minimiza-se também a comodificação, colocando a ênfase na mediação profissional da clínica.

No Brasil, existem apenas dois bancos de gametas. No entanto, nas clínicas em que realizei pesquisas, um desses bancos é considerado muito pequeno e não é utilizado (Allebrandt; Macedo, 2007; Allebrandt, 2008, 2013). Assim, o banco de sêmen localizado em São Paulo, o Pró-Seed, centraliza as doações no país. Esse banco não costuma divulgar o número de doadores e amostras que dispõe. Em uma reportagem de 2013, a coordenadora do banco, Vera Brandt afirmou que a demanda por sêmen doado aumentou 528% desde a abertura do banco, há 18 anos⁹. Pouco se sabe acerca de quem são os doadores e quais suas motivações¹⁰. No entanto, as informações que são fornecidas aos casais oferecem um retrato particular de cada um desses sujeitos.

As clínicas de reprodução assistida têm acesso a uma longa lista de sememdisponível para doação. Os médicos costumam fornecer aos pacientes uma lista de doadores já filtrada a partir do tipo sanguíneo e fator RH. Se perguntarmos quem são os doadores diante de uma dessas listas obteremos informações como origem étnica, religião, cor da pele, textura do cabelo, cor dos olhos, hobby e altura.

Tais dados falam de dois conjuntos de informações que poderiam ser separados pelo binômio que muito instigou nossa disciplina: natureza e cultura. Trata-se de características biológicas (tipo sanguíneo, cor da pele, textura do cabelo, cor dos olhos e altura), versus características sociais (como religião, profissão, hobbies). Mas como são escolhidos e quais as informações que influenciam os casais diante dessa lista de possibilidades? As pessoas estariam buscando um doador com características físicas semelhantes as suas, ou um doador com quem compartilhe afinidades "sociais"?

Durante minha pesquisa de doutorado entrevistei casais que tinham feito a escolha de um doador de gametas e realizei um survey online, no qual algumas características do doador poderiam ser classificadas por importância (Allebrandt, 2013). Perguntávamos aos participantes qual a importância da cor da pele, cor dos olhos, profissão, hobbies, religião e histórico de saúde para sua decisão a respeito do doador (n 37). Diante dessas opções, os participantes poderiam avaliar de 1 a 5, onde 1 correspondia a nada importante e 5 indispensável para sua escolha.

O leitor pode imaginar que os a maioria dos participantes reforçou importância de características físicas e um bom histórico de saúde, ao mesmo tempo em que davam pouca importância a religião, hobbies e profissão. Ora, sabemos que idéias de transmissão e hereditariedade fazem parte não somente de um imaginário genealógico, mas são a base da ciência moderna (Gibbon; Novas, 2008; Legrand, 2009; Wade, 2009). Reconhecer a importância e de certo modo admitir os determinismos genéticos fazem parte do que se convencionou chamar de entendimento público da ciência

(Jasanoff, 2005). Sob o risco de ser tratado como ignorante sucumbimos a inevitabilidade da herança genética.

Apesar da hegemonia e incontestabilidade do valor da ciência para a hereditariedade, não podemos nos apressar em assumir que as informações "sociais", na qual figura com maior potencial de identificação a religião, serão escamoteadas e desnecessárias para a escolha do doador. A forma como nossa sociedade assume a genética parece nos colocar diante de uma rivalidade, que implica no desprezo e reconhecimento da irrelevância de conhecer certas características sociais. Toma-se ao pé da letra que a "verdade" está nos genes, o que somos e o que seremos também (Keller, 2003, 2012). É justamente essa lógica, juntamente com as promessas não cumpridas da genética que o histórico de saúde aparece entre os participantes do survey como indispensável (80%).

Essa proposição está de acordo com o que, uma de minhas principais interlocutoras, Sílvia, afirmou em entrevista. Mãe de Daniel, um menino de 8 anos, afirmou que quando ela e sua companheira começaram a buscar um doador de gametas, não gostaram dos sites da Califórnia¹¹, estes sites eram muito comerciais. Por conta disso, Sílvia e sua companheira, decidiram *não* escolher o doador, no sentido mais preciso dessa palavra. Essa recusa na escolha, na tipificação do doador, na busca de semelhanças entre elas e o doador fazia eco ao seu entendimento de que o dom de gametas funciona como o dom de sangue¹².

A única exigência de Sílvia e sua companheira foi que o doador fosse saudável, deixando, desse modo, a critério do médico a escolha do melhor doador. A escolha de um doador saudável e a valorização do histórico de saúde fazem parte da popularização dos debates acerca da influência genética no nosso cotidiano. Esse imperativo da hereditariedade diz respeito a noções da ciência moderna de transmissão e herança.

O caráter hereditário é cada vez mais entendido como informando identidades. O interesse pelas genealogias reforça a idéia de uma história de pertencimento familiar baseado na genética. Mas não devemos assumir que tudo o que precisamos saber está contido no material biológico. Marlyn Strathern (1992) afirma que o parentesco euro-americano é híbrido, formado a partir de uma combinação de elementos biológicos e sociais. Afinal, para que servem as informações "sociais" do doador? São uma lembrança de que o sêmen não é apenas um material biológico e que é parte de um sujeito? Ora, alguns autores afirmam que o papel do anonimato é justamente produzir uma separação radical entre doador e sêmen, e entre o sêmen e a vida potencial que pode engendrar (Allebrandt, 2013; Konrad, 2005; Théry, 2009). Qual seria a função dessas informações? Como saber qual a religião ocupação e hobbies do doador falam sobre esse sujeito aos receptores? Como essas informações irão influenciar ou produzir identificações que pesam na escolha de um doador.

Os participantes do survey que realizei dividiram-se quanto a importância dessas informações "sociais". Os participantes dividiram-se também para afirmar a nenhuma importância dos hobbies (60%) enquanto outros 20% afirmaram que esses eram pouco importantes e outros 20% afirmaram que é indispensável conhecer os hobbies. Para 60% desses, a religião do doador não é nada importante na sua decisão, enquanto 20%

responderam que é importante, outros 20% afirmaram que essa informação é indispensável.

É importante notar que há uma rejeição maior da importância dos hobbies (80% dos participantes afirmam que é pouco ou nada importante), enquanto que há uma divisão maior frente a importância da orientação religiosa (na qual, há uma divisão entre 60% que não veem importância nesse quesito e 40% que dividem sua opinião de que a orientação religiosa é importante ou indispensável). Essa polarização quanto opinião sobre a importância da orientação religiosa nos remete ao debate acerca da secularização do mundo previsto por Weber (2004), quando esse autor analisava o apogeu da racionalidade em um mundo que não encontrava mais sentido no sagrado. Vemos na disputa entre importância da genética e orientação religiosa, um debate que nos remete a possível resistência da religião à modernização (Berger, 1985; Pierucci, 1998). Trata-se de uma disputa entre duas racionalidades excludentes? Seria a disputa de fatores determinantes para a escolha do doador, uma arena que nos permite analisar como modernidade, e sua ode a racionalidade representada pelo conhecimento genético, de um lado, e religião, de outro, são negociados a fim de produzir um contexto que poderia ser caracterizado como pós-secular (Pierucci, 1998)?

É claro que esse survey não tem a pretensão de servir como uma amostra estatística do estado da arte dos fatores que influenciam a escolha de um doador. Tomaremos essa indicação da importância de diferentes fatores como uma inspiração para realizar a análise da escolha de doadores realizada por três casais. As tabelas abaixo retratam as opções de doadores selecionados pelos casais a partir da lista extensa fornecida e filtrada previamente na clínica¹³. É importante notar, que diferentemente do sistema estadunidense, que costuma fornecer um histórico de saúde detalhado de cada um dos doadores, os bancos brasileiros costumam fornecer as clínicas apenas uma lista com características físicas e sociais. A importância do histórico de saúde parece, assim, estar mais relacionada a um discurso normativo do que a uma informação efetiva.

Quando recebem as listas com doadores, os casais são orientados a escolher seis doadores e ordená-los por ordem de preferência. Os receptores clientes da clínica em que trabalhei costumam receber uma lista que contém por volta de 90 doadores. O Casal 1, escolheu 5 doadores, esses doadores chamam atenção pela uniformidade de algumas características: religião católica, hobbies voltados para o esporte, raça caucasiana, olhos castanhos e altura por volta dos 1,80m. O doador obtido foi o segundo da lista¹⁴.

Tabela 1: Doadores escolhidos pelo Casal 1

Casal 1						
Doador por ordem de preferência	Religião	Ocupação	Hobby	Raça	Cor dos Olhos	Altura
1	Católica	Médico	Esportes de aventura e atividades	Caucasiana	Castanhos	1,81

			rurais			
2*	Católica	Estudante de Engenharia	Rugby Natação	Caucasiana	Castanhos	1,80
3	Católica	Analista de sistemas Programador	Natação Basquete Futebol Violão	Caucasiana	Castanhos	1,89
4	Católica	Engenheiro mecânico	Caminhadas Lazer Escrever	Caucasiana	Castanhos	1,77
5	Católica	Administrador Funcionário público	Ciclismo Lutas Corrida	Caucasiana	Castanhos	1,80

O casal 2 apresenta uma lista de doadores mais eclética. Para além da uniformidade da raça caucasiana¹, aqui vemos doadores que não declararam sua orientação religiosa, juntamente com alguns que afirmara-se católicos, judeus e evangélicos. A maior parte desses doadores têm olhos castanhos, mas há lugar para outras nuances que são também representadas numa variação maior na altura e nos tipos de hobbies (ainda que a maioria fossem variações esportivas).

Tabela 2: Doadores escolhidos pelo Casal 2

Casal 2						
Doador por ordem de preferência	Religião	Ocupação	Hobby	Raça	Cor dos Olhos	Altura
1	-	Despachante	Tiro esportivo	Caucasiana	Castanhos	1,80
2	-	Técnico analista Computação	Corrida Jui-jitsu Musculação	Caucasiana	Verdes	1,85
3*	Católica	Estudante de direito	Futebol Música Viagem	Caucasiana	Castanhos	1,81
4	Judaica	Psicoterapeuta	Artes Filosofia Esportes	Caucasiana	Azuis	1,80
5	-	Advogado	Esportes	Caucasiana	Castanhos	1,79
6	Católica	Analista de sistemas	Futebol Tenis Cinema Política	Caucasiana	Castanhos	1,71
7	Evangélico	Administrador	Tocar	Caucasiana	Castanhos	1,84

¹ Rosely Costa (2004) afirma existir uma tendência ao "clareamento" do casal na escolha do doador. Esse dado nos ajuda a entender como nossos três casais contam em suas listas curtas apenas com doadores classificados como caucasianos.

				violão Guitarra			
8	-	Empresário alimentos	-	Futebol Volei	Caucasiana	Castanhos	1,78

O Casal 3 revela sutilmente suas preferências na longa lista de 8 doadores. Enquanto religião católica, hobbies esportivos e olhos castanhos dominam a parte inferior da tabela, podemos notar que o início da lista conta com uma preferência para olhos verdes e elege como doador preferencial o mais alto da seleção. Talvez essa listas seja a mais prolixa quanto as preferências, pois, há também uma importante similaridade entre os dois primeiros doadores, que tem como ocupação o trabalho no setor comercial como vendedor e gerente. O doador obtido, acaba sendo o quarto colocado. Esse doador é semelhante aos primeiros da lista pelos olhos, raça e altura, mas diferencia-se pela orientação religiosa, ocupação e hobbies.

Tabela 3: Doadores escolhidos pelo Casal 3

Casal 3							
Doador por ordem de preferência	Religião	Ocupação	Hobby	Raça	Cor dos Olhos	Altura	
1	Católica	Vendedor comercial	Futebol	Caucasiana	Verde	1,86	
2	-	Gerente comercial	Esportes	Caucasiana	Castanhos	1,80	
3	Católica	Analista de sistemas	Natação Futebol	Caucasiana	Verdes	1,81	
4*	Espírita	Músico gráfico	Música Leitura	Caucasiana	Verdes	1,80	
5	Católica	Médico	Esportes de aventura e atividades rurais	Caucasiana	Castanhos	1,81	
6	Católica	Gerente financeiro	Música Artes	Caucasiana	Castanhos	1,80	
7	Católica	Administrador Funcionário público	Ciclismo Lutas	Caucasiana	Castanhos	1,85	
8	Católica	Estudante direito	Futebol	Caucasiana	Castanhos	1,81	

Como explicar tamanha diversidade dentro de uma lista curta? Existem características determinantes para a escolha? É possível afirmar qual dos marcadores pesou mais para cada um desses casais? Para o casal 1, diante da uniformidade das informações poderíamos pensar que há uma tendência da profissão e hobbies produzir a distinção entre os primeiro e quinto colocados. Já diante da diversidade da lista do casal 2, estaríamos inclinados a dizer que há na diferença entre cada um dos doadores, o sentido de sua escolha para ocupar as primeiras posições. O casal três surpreende pela similaridade dos dois primeiros doadores na lista, que acabaram não se tornando o doador do casal. Quem ocupou esse lugar foi o doador cujo perfil mais destoava dos demais, sobretudo pelas suas características sociais que vão de sua orientação

religiosa- espírita, à sua preferência pela música e literatura. Teria sido essa singularidade que fez com que a decisão final pesasse na escolha desse doador? Quais são os fatores que fazem com que esses doadores se destaquem na lista oferecida pelas clínicas e que os coloquem nessa lista curta? Seriam interesses comuns os produtores dessa separação? Minha hipótese é que o encontro de semelhanças entre o casal e o perfil do doador expresso pontualmente nessas tabelas é a chave para compreender a importância das informações sociais para a escolha dos doadores e para a construção do parentesco. Dentre essas informações, a orientação religiosa figura como uma das mais importantes.

Charles Taylor tenta definir a identidade por meio dos compromissos e identificações que são determinadores do que entendemos como bom ou ruim. A vida de cada indivíduo é incluído na sua teoria como uma continuação do bem e, em suas palavras, a ausência de um quadro ou horizonte produzir uma crise de identidade. Para além do maniqueísmo implícito nesse sentido, pode-se entender a identidade como uma "orientação", uma direção comum. Desta forma, o autor acredita que « our identity is what allows us to define what is important to us and what is not. It is what makes possible these discriminations, including those which turn on strong evaluations » (Taylor, C., 1992, p. 30). Desse modo, não só está sendo negociado no perfil dos doadores informações que são importantes para sua identidade, mas ao escolhê-las, colocá-los em uma lista, estamos discriminando o que é importante do que não é para nós.

Tomamos identidade como consistentes com o que Marilyn Strathern define. Para esta autora, a identidade é qualquer "informação constitutiva", ou seja, qualquer informação que seja capaz de redefinir as regras do jogo (Strathern, 1999, p. 75). Neste sentido, as informações sobre pais biológicos na adoção e os doadores de gametas na reprodução assistida são "informações constitutivas", e, portanto, parte da identidade dos sujeitos e das relações que os entornam. Assim, o parentesco dialoga constantemente entre os aspectos sociais e "naturais".

"Kinship allows the constant change from the natural to the social without the need of setting one of them as determining dominant. That is why there is no contradiction between wanting to adopt and wanting a biological child. Family identity is constructed through both the knowledge of gametes and genetic inheritance and affective ties developed between relatives" (Marre; Bestard, 2012, p. 78).

Para além da negação absoluta da relevância da influência da genética dos doadores, a natureza plural da identidade se reflete não apenas na tensão entre o papel da herança genética e os laços afetivos, mas também entre a identidade estabelecida através a escolha do doador. Essa identificação entre pais e doadores, pode tomar fôlego na mesma orientação religiosa, profissão ou hobbies.

Acreditamos que, no contexto brasileiro, a identificação produzida pela orientação religiosa é singular. Tal singularidade repercute na preponderância de uma orientação religiosa cristã. Nosso estudo não abarcou grupos não cristãos, mas podemos lançar a hipótese para estudos futuros que, outros grupos, como islâmicos ou

judaicos, a orientação religiosa pode se contruir como uma característica necessária e até mesmo um imperativo que não é tão facilmente visualizado quando tratamos da uniformidade da presença de católicos/cristãos no contexto nacional mais amplo. Se, como se especulou está ocorrendo uma diminuição no número de católicos no Brasil, isso não significa que a maioria dos brasileiros não sejam cristãos (Sanchis, 1999)¹⁵. O caráter religioso nesse país, parte de um conjunto de representações e crenças que possuem códigos competitivos, pode representar a complexidade que Gilberto Velho (2003) caracterizou como processo de construção social da sociedade moderno-contemporânea.

Reflexões finais

O objetivo desse artigo foi discutir qual o lugar que ocupam informações ditas "sociais", sobretudo, a orientação religiosa, para a escolha de um doador de gametas na reprodução assistida. Essa discussão está situada na relevância de debates acerca da hegemonia que noções de transmissão e hereditariedade têm para a construção da identidade pessoal e familiar.

A ciência é uma das fontes de discursos que mais proeminentemente produz verdades. Não obstante, a ciência tem caminhado cada vez mais para uma dimensão molecular, na qual respostas sobre nossa identidade e origem residem nas nossas células, cromossomos e DNA (Bibeau, 2004; Keller, 2012; Legrand, 2009; Rabinow, 1996; Wade, 2009). No entanto, a hereditariedade tomada como uma identidade social não deve ser lida como um sinal da biologização das relações familiares (Gibbon, 2002). Nem devemos crer, a partir dos dados fornecidos, que as únicas informações que interessam a respeito do doador são aquelas que estão contidas no seu material genético. Suas escolhas manifestas através de sua orientação religiosa e hobbies são elementos decisivos para tomada de decisão dos receptores.

Tal importância pôde ser evidenciada por Howell e Marre (2009), que tratam da criação de semelhanças no estudo da adoção. Segundo as autoras, no semelhanças são criadas espontaneamente e intencionalmente para facilitar o processo de aparentamento. Acreditamos que na escolha do doador de gametas, é produzida um processo semelhante de identificação. Dessa vez entre os receptores e o doador. Desse modo, a identidade entendida em termos de semelhanças e diferenças coloca em relevo diferentes formas de pertencimento e estabelecem relações, contruídas com a ajuda da identificação de semelhanças.

No contexto brasileiro, a importância de uma vinculação religiosa, persiste e resiste as apostas mais alarmistas que acreditavam que com a modernidade caminharíamos rumo a secularização das relações sociais (Pierucci, 1998; Weber, 2004). O sagrado perseverou e encontra lugar lado a lado à informações "moleculares". A aproximação da ciência à religião não visa tentar encontrar um gene responsável pela orientação religiosa, tão pouco, ironizar aqueles que podem acreditar que tal herança genética seja possível. Nosso ponto centra-se no fato de que somos proporcionalmente impulsionados pelas promessas da genética, como acumulamos as

mesmas promessas não cumpridas do desenvolvimento científico (Jasanoff, 2005; Keller, 2012; Rabinow, 1996). Por outro lado, a religião está apresentada para a seleção de doadores como um elemento chave para a produção de identificação e semelhança. Elementos esses que são imprescindíveis para a construção do parentesco que nesse processo está investido. Do mesmo modo que a religião produz identidades através da semelhança tangível, no alistamento de fenótipos de doadores, o argumento genético cumpre uma de suas promessas: a da produção de uma identidade. Os doadores, figuras frias, isoladas e fragmentadas de seus corpos (Konrad, 2005; Ramírez-Gálvez, 2009), tornam-se acessíveis aos receptores não através da compilação das informações genéticas e sociais listadas nas páginas preto e brancas. Os doadores são escolhidos a partir da identificação que se produz na combinação dessas informações ora sociais, ora genéticas e seu significado refletido na história pessoal dos receptores.

Referências

- ALLEBRANDT, Débora. Encobrimo origens, descobrimo relações. 2008. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- ALLEBRANDT, Débora. Parenté Fluide: la quête des origines au Brésil et au Québec. Dialogue entre parenté, droit et science. 2013. Université de Montréal, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1866/10210>>.
- ALLEBRANDT, Débora; MACEDO, Juliana Lopes De. Fabricando a vida: implicações éticas, políticas e sociais sobre o uso de novas tecnologias reprodutivas. Porto Alegre: Metrópole, 2007. p. 184
- BERGER, Peter. O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.
- BIBEAU, Gilles. Le Québec transgénique : science, marché, humanité. Montreal: Boréal, 2004. p. 453
- CARVALHO, José Murilo De. A Construção da Ordem - Teatro de Sombras. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.
- COLLARD, Chantal; PARSEVAL, Geneviève Delaisi De. La gestation pour autrui Un bricolage des représentations de la paternité et de la maternité euro-américaine. *l'Homme*, v. 183, n. 1, p. 29–53, 2007. Disponível em: <<http://lhomme.revues.org/index9011.html>>.
- COSTA, Rosely Gomes. O que a seleção de doadores de gametas pode nos dizer sobre noções de raça. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 14, n. 2, p. 235–255, jul. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312004000200004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>.
- FONSECA, Claudia. De família, reprodução e parentesco: algumas considerações. *Cadernos Pagu*, v. d, n. 29, p. 9–35, 2007.
- GIBBON, Saha. Re-examining geneticization: family trees in breast cancer genetics. *Science as culture*, v. 11, n. 4, p. 429–57, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/15971366>>. Acesso em: 26 jan. 2013.
- GIBBON, Saha; NOVAS, Carlos (Org.). Biosocialities, genetics and the social sciences. New York: Routledge, 2008. p. 198
- GIUMBELLI, Emerson. O fim da religião: dilemas da liberdade religiosa no Brasil e na França. São Paulo: Altar Editorial, 2002.
- INHORN, Marcia C; BALEN, Frank Van (Org.). Infertility around the globe : new thinking on childlessness, gender, and reproductive technologies. Berkeley, Calif. ; London: University of California Press, 2002. p. 372

- JASANOFF, Sheila. *Designs on nature : science and democracy in Europe and the United States*. Princeton, N.J. ; Woodstock: Princeton University Press, 2005. p. 374
- JONES, C. Looking Like a Family: Negotiating Bio-Genetic Continuity in British Lesbian Families1 Using Licensed Donor Insemination. *Sexualities*, v. 8, n. 2, p. 221–237, 1 maio 2005. Disponível em: <<http://sex.sagepub.com/cgi/doi/10.1177/1363460705050856>>. Acesso em: 5 fev. 2012.
- KELLER, Evelyn Fox. Genes as difference markers. In: KRIMSKY, SHELDON; GRUBER, JEREMY (Org.). *Genetic explanations Sense and nonsense*. Boston: Harvard University Press, 2012. p. 34–42.
- KELLER, Evelyn Fox. *Making Sense of Life: Explaining Biological Development with Models, Metaphors, and Machines*. Boston: Harvard University Press, 2003. p. 400Disponível em: <<http://www.amazon.com/Making-Sense-Life-Explaining-Development/dp/067401250X>>. Acesso em: 29 mar. 2013.
- KONRAD, Monica. Nameless relations : anonymity, Melanesia, and reproductive gift exchange between British ova donors and recipients. New York ; Oxford: Berghahn, 2005. p. 286
- LEGRAND, Caroline. Génétique et recherche généalogique. In: PORQUERES, ENRIC I GENÉ (Org.). *Défis contemporains de la parenté*. Paris: Editions de l'École de Hautes Études en Sciences Sociales, 2009. p. 133–149.
- MARRE, Diana; BESTARD, Joan. The family body: persons, bodies and resemblance. In: EDWARDS, JEANETTE; SALAZAR, CARLES (Org.). *European kinship in the age of biotechnology*. New York ; Oxford: Berghahn Books, 2012. p. 64–78.
- MARRE, Diana; HOWELL, Signe Lise. Discours sur la destinée et adoption internationale. In: PORQUERES, ENRIC I GENÉ (Org.). *Défis contemporains de la parenté*. Paris: Editions de l'École de Hautes Études en Sciences Sociales, 2009. p. 197–222.
- MARTIN, Emily. The egg and the sperm: how science has constructed a romance based on stereotypical male-female roles. *Signs*, v. 16, n. 3, p. 485–501, 1991.
- MARTIN, Emily. *The woman in the body : a cultural analysis of reproduction ; with a new introduction*. Boston: Beacon Press, 1992. p. 276
- OLIVEIRA, Fátima. Tecnologias de reprodução. *Cadernos Pagu*, p. —, 1998.
- OUELLETTE, Françoise-Romaine. Les noms et papiers d'identité des enfants adoptés à l'étranger. In: FINE, AGNÈS (Org.). *États civils en question. Papiers, identités, sentiment de soi*. Paris: éditions du Comité des travaux historiques et scientifiques, 2008. p. 146–174.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. Secularização em Max Weber Da contemporânea serventia de voltarmos a acessar * aquele velho sentido **. *Revista Brasileira de Ciências sociais*, v. 13, n. 37, p. 43–73, 1998.
- RABINOW, Paul. *Essays on the anthropology of reason*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1996. p. 190
- RAMÍREZ-GÁLVEZ, Martha. Corpos fragmentados e domesticados na reprodução assistida. *Cadernos Pagu*, n. 33, p. 83–115, 2009.
- RAMÍREZ-GÁLVEZ, Martha. *Novas Tecnologias Reprodutivas Conceptivas: Fabricando a vida, fabricando o futuro*. 2003. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- SALEM, Tania; NOVAES, Simone. Recontextualizando o embrião. *Revista Estudos Feministas*, n. 3, p. —, 1995.
- SANCHIS, Pierre. *O campo religioso contemporâneo no Brasil. Globalização e religião*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 103–115.
- STRATHERN, Marilyn. *After nature : English kinship in the late twentieth century*. Cambridge ; New York: Cambridge University Press, 1992. p. 240
- STRATHERN, Marilyn. *Property, substance and effect : anthropological essays on persons and things*. London: Athlone Press, 1999. p. 336

- TAMANINI, Marlene. Novas tecnologias reprodutivas concepcionais: bioética e controvérsias. *Revista Estudos Feministas*, v. 12, p. 73–107–, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2004000100005&nrm=iso>.
- TAYLOR, Charles. *Sources of the Self: The Making of the Modern Identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p. 613
- TAYLOR, Janele. Image of contradiction: obstetrical ultrasound in American culture. In: FRANKLIN, SARAH; RAGONE, HELENE (Org.). *Reproducing reproduction: kinship, power and technological innovation*. Philadelphia: Penn University Press, 1998. p. —.
- THÉRY, Irène. Anonymat des dons d'engendrement. Filiação et identité narrative des enfants au temps du démariage. In: PORQUERES, ENRIC I GENÉ (Org.). *Défis contemporains de la parenté*. Éditions d ed. [S.l: s.n.], 2009. p. 81–106.
- THÉRY, Irène. Des humains comme les autres Bioéthique, anonymat et genre du don. Paris: Editions de l'École de Hautes Études en Sciences Sociales, 2010. p. 309
- VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose Antropologia das sociedades complexas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 137
- WADE, Peter. Race, Identité et Parenté. In: PORQUERES, ENRIC I GENÉ (Org.). *Défis contemporains de la parenté*. Paris: Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 2009. p. 171–196.
- WEBER, Max. *Economia e Sociade Fundamentos da sociologia compreensiva (vol.1 e 2)*. São Paulo: Editora da UNB, 2004.

Notas

¹Um dos principais tabus diz respeito a causa da infertilidade. Desde a Bíblia, essa causa caía sobre a mulher que quando infértil era metaforicamente vista como uma árvore sem frutos, seca, castigada por Deus (Tamanini, 2004).

²Quando se reconhece a importância do espermatozoide para a fecundação o homem se transforma também em um “paciente” que compõe o par que é tratado na RA.

³ Enquanto os profissionais do campo fazem uso de estatísticas internacionais para afirmar que 40% das causas são femininas, outros 40% são masculinas e 20% são divididos entre causas desconhecidas e de ambos os membros do casal, um estudo realizado a partir de anotações de consultas de 279 casais atendidos no serviço público de reprodução assistida de Porto Alegre mostrou que 63,7% das causas foram classificadas como femininas, 21,9% como masculinas, 7,9% de ambos os membros do casal e, 6,5% de causa desconhecida (Allebrandt; Macedo, 2007).

⁴ Inhorn e Balen (2002) elaboraram esse termo - originalmente “childlessness” para evitar os sentidos outros e várias dimensões de significado que o termo infertilidade evoca.

⁵ Apesar das técnicas estarem caminhando para obtenção de bons resultados no congelamento de óvulos, a doação de óvulos têm sido realizada no Brasil a partir de programas de “doação compartilhada”. Óvulos doados têm se tornado bastante comuns e desempenham um papel importante dentro das escolhas reprodutivas. Em alguns países também são doados embriões. Ver Collard e Parseval(2007). No Brasil, ocorre junto com a discussão da lei de biossegurança , um debate sobre o destino dos embriões que estão “abandonados” nos bancos das clínicas. Ver Fonseca(2007).

⁶ Utilizo a expressão “fechamento hermético”, cunhada por Ouellette(2008), para salientar a importância da circulação de informações acerca dos adotados -- que não eram objeto de um fechamento hermético, logo, poderiam ser acessadas eventualmente.

⁷ Exemplo dessa prática é o site Donor siblings registry, que possui um banco de dados de informações de filhos de doadores de gametas que busca se encontrar e eventualmente encontrar seus doadores. Ver, <https://www.donorsiblingregistry.com/>

⁸ As doações de óvulos e sêmen não podem ser pagas e devem ser anônimas. Os óvulos são doados no Brasil em programas de doação partilhada, na qual a doadora tem seu tratamento pago pela receptora da metade dos óvulos produzidos no tratamento. A gestação de substituição, popularmente conhecida como barriga de aluguel também é regulamentada a partir do voluntarismo e não pagamento. Para essa última prática, o CFM exige parentesco de até segundo grau entre os pais de intenção e a gestora. Casos fora dessa exigência devem ser enviados para julgamento do conselho.

⁹ http://www.proseed.com.br/noticia/sao_paulo_exporta_semen consultada em 20 de setembro de 2014.

¹⁰ Um dos raros estudos acerca do perfil e escolha de doadores no Brasil vem do trabalho de Rosely Costa sobre concepções de raça na escolha dos doadores (Costa, 2004).

¹¹ Esses sites, como o da Cryobank, <http://www.cryobank.com/>, exportam sêmen para todo o mundo.

¹² Essa concepção foi refutada pela socióloga Irène Théry que afirma que diferentemente do dom de sangue, o dom de gametas engendra um outro ser humano. Para essa autora, o dom de gametas deve ser entendido como um dom de engendramento (don d'engendrement).

¹³ Os dados aqui discutidos foram coletados na minha pesquisa de pós-doutorado, intitulada "Segredo e Intimidade: construindo a família com a ajuda da reprodução assistida". Agradeço o financiamento do CNPq, pela bolsa de pós-doutorado júnior.

¹⁴ Quando perguntamos aos profissionais responsáveis qual a razão para que um doador que está no topo da lista dos casais não seja obtido, fomos informados de que, na maior parte dos casos, trata-se da indisponibilidade de sêmen, ou que o número de amostras disponíveis não é suficientes para a realização do tratamento.

¹⁵ Alguns autores problematizaram com propriedade a diversidade e importância do catolicismo para o contexto nacional. Para uma análise detalhada ver Carvalho (2003) e Giumbelli(2002) entre outros.